
RESENHA DE: ZINGANO, MARCO (ORG). *SOBRE A METAFÍSICA DE ARISTÓTELES*; TEXTOS SELECIONADOS. SÃO PAULO, ODYSSEUS EDITORA, 2005.

Arlene Reis

Sobre *a Metafísica de Aristóteles* reúne a tradução para o português de quatorze artigos divulgados originalmente em distintas publicações internacionais durante o século XX. Todos têm como tema central a discussão a respeito do percurso do Estagirita na busca da realização de uma ciência do ser enquanto ser. Os textos selecionados não provêm de autores pertencentes a uma única escola de intérpretes, e Marco Zingano, organizador da obra em questão, justifica sua escolha dizendo ser fundamental, para examinar a metafísica de Aristóteles, que se reconheça a diversidade de abordagens desde que esta satisfaça em clareza conceitual e em rigor na argumentação.

Os quatorze artigos que compõem essa obra foram apresentados em ordem crescente, numa seqüência correspondente às suas respectivas datas de publicação. Um olhar sobre os objetivos gerais de cada um destes estudos pode oferecer uma pálida imagem da rica discussão que o seu conjunto contempla:

1) O primeiro artigo, escrito por Jan Lukasiewicz, propõe, considerando o texto de Aristóteles e os resultados da lógica simbólica, a análise da lei de contradição.

2) No segundo artigo, J. A. Smith dedica-se ao estudo do significado de $\tau\acute{o}\delta\epsilon\ \tau\iota$ no pensamento de Aristóteles, avaliando as dificuldades de interpretação deste termo e questionando algumas soluções sugeridas por grandes intérpretes do Estagirita.

3) Philip Merlan, no terceiro artigo, ocupa-se do tema *Os motores imóveis de Aristóteles*; diz que a reflexão canônica sobre este assunto chega a um impasse (porque tal reflexão defende que Aristóteles, no livro Λ da *Metafísica*, afirma um princípio monoteísta e se defronta com o capítulo oito deste mesmo livro, momento em que aparece a crença na pluralidade de motores) e questiona a crença na pluralidade de motores ao mostrar que ela não é incompatível com outras doutrinas do sistema aristotélico.

4) Suzanne Mansion é a autora do quarto artigo intitulado *A primeira doutrina da substância: a substância segundo Aristóteles*. Ela considera que o termo substância ($\text{o}\upsilon\sigma\acute{\iota}\alpha$) ganha o seu status de conceito filosófico com a reflexão de Aristóteles, e procura mostrar o que o Estagirita entende por este termo.

5) O quinto artigo, escrito por Hans Reiner, chama-se *O Surgimento e o significado original do nome Metafísica*. Nele, o autor procura avaliar os estudos a respeito da origem do nome Metafísica, retomando-os a partir de suas fontes para verificar a base de seus testemunhos históricos.

6) Augustin Mansion, em *Filosofia primeira, filosofia segunda e metafísica em Aristóteles*, propõe-se a examinar o que há de exato ou inexato na seguinte afirmação: “Aristóteles, - costuma-se dizer - não usava o termo ‘metafísica’, mas designava esta disciplina filosófica, a mais elevada de todas, pela expressão Filosofia Primeira.”

7) No sétimo artigo, intitulado *Lógica e metafísica em algumas obras iniciais*, G.E.L. Owen, opondo-se a uma certa leitura tradicional de Aristóteles, assinala que, desde as discussões da Academia, Aristóteles concebeu os estudos lógicos que moldaram sua visão sobre a natureza e a possibilidade da ciência geral do ser enquanto ser.

8) O oitavo artigo, escrito por G.E.L. Owen, intitula-se *O Platonismo de Aristóteles*. Inicialmente citando Sir David Ross, Owen diz que este autor vê Aristóteles emergindo do platonismo a um sistema próprio. Para Owen, o nome platonismo é obscurecido por ambigüidades, por exemplo: o que Jaeger entende por platonismo é diferente daquilo que Case entende, e ambos estão equivocados. Owen propõe-se a fazer uma busca sistemática do platonismo em Aristóteles, estudando-o sob a perspectiva lógica e metafísica.

9) James H. Lesher, no artigo intitulado *Sobre Forma, substância e universais em Aristóteles: um dilema*, toma como base o livro Z da *Metafísica* e entende que, nele,

Aristóteles se compromete com três proposições sobre a substância: (a) nenhum universal pode ser uma substância; (b) a forma é um universal; (c) forma é o que é mais verdadeiramente uma substância. O autor argumenta no sentido de mostrar que a tentativa de resolver esta aporia não encontra solução, e Aristóteles está “sujeito a algumas críticas que ele antes levantara contra os platônicos”.

10) J. Brunschwig (no artigo intitulado *A forma, predicado da matéria?*) propõe-se a analisar “a tese da predicação hilemorfica”. O autor pergunta: quando Aristóteles declara que a forma se predica da matéria, é preciso compreender o termo *predicação* em sua significação lógica e lingüística ou é possível considerar que o que está em questão é a apresentação de uma descrição metafórica da relação *ontológica* que a forma e a matéria mantêm? Brunschwig dá razão à segunda solução, buscando aprofundá-la.

11) J.A. Driscoll, em seu trabalho intitulado *Eide (εἶδη) nas teorias da substância de juventude e de maturidade de Aristóteles*, procura lançar dúvidas sobre a seguinte tese de M.J.Woods e G.E.L. Owen: a espécie, que é uma substância secundária nas *Categorias*, é elevada ao estatuto de substância primária em *Metafísica Z*. O autor do presente artigo defende que εἶδος, substância primária em *Z* da *Metafísica*, não é nem espécies das *Categorias*, como defenderam Woods e Owen, nem forma particular de uma substância particular, como dizem outros autores. Forma, para ele, é uma terceira entidade.

12) Pierre Aubenque, em *Plotino e Dexipo, exegetas das categorias de Aristóteles*, mostra como a exegese de Plotino da doutrina aristotélica das categorias faz jus ao sentido autêntico desta doutrina, e como a exegese deste mesmo tema, feita a partir de Porfírio, leva, sob o tom de conciliação com o platonismo, o aristotelismo a uma guinada que influenciará a história da metafísica.

13) Terence Irwin, autor do artigo intitulado *O caráter aporético da Metafísica de Aristóteles*, examina o livro VII da *Metafísica* e o discute considerando a tese de Pierre Aubenque. Este defende que a argumentação de Aristóteles em sua metafísica é essencialmente aporética. Concordando com o caráter aporético do livro VII da *Metafísica*, ressalta que Aristóteles, ao contrário do que diz Aubenque, pretendeu ter resolvido tais aporias.

14) David Charles, em *Substância, definição e essência*, propõe-se responder a questão: “Em que medida Aristóteles empregou nos livros centrais da *Metafísica*

(Z,H,Θ) a estratégia que desenvolve nos *Analíticos* para tratar de questões que dizem respeito a definição, essência e explicação?”

Sem ter entrado nas sutilezas das discussões que cada artigo envolve, apenas confrontando os objetivos fixados pelos autores de cada um deles, podemos observar a força inspiradora do grande autor que foi Aristóteles. Todos os intérpretes, quando buscaram elucidar temas específicos, quando procuraram entender os passos dados pelo Estagirita na construção de sua lógica e metafísica, quando buscaram esclarecer os pressupostos desta ciência e seus conceitos mais fundamentais, e quando conceberam Aristóteles como um autor sistemático ou aporético, assumiram refletir sobre estes temas reconhecendo que tal empreitada ultrapassa as fronteiras de uma pura análise de texto, pois certos problemas encontrados na doutrina aristotélica ainda nos levam à perplexidade.

Em resumo, esta obra, intitulada *Sobre a Metafísica de Aristóteles; textos selecionados*, por um lado oferece aos interessados em filosofia grega um instrumental que permite tomar consciência do alcance da discussão internacional sobre Aristóteles no século XX; e por outro lado, demonstra que a cuidadosa tradução dos artigos escolhidos e a adequada utilização do vocabulário aristotélico em português contribuem para o enriquecimento e a sofisticação dos estudos clássicos no Brasil, bem como para que este importante autor seja adequadamente abordado nas escolas de filosofia e nas pesquisas interdisciplinares brasileiras.